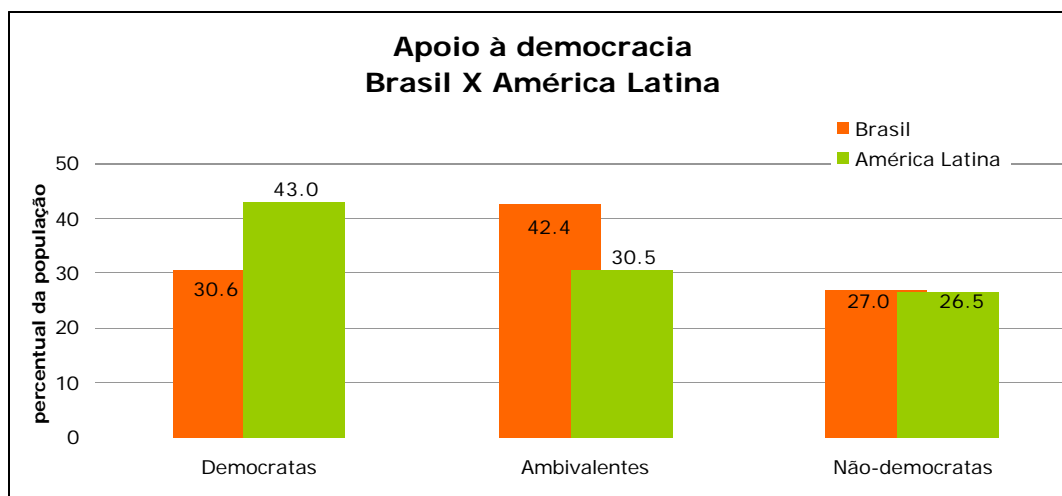


Brasil tem menos democratas que média da América Latina

Entre os muitos aspectos do Relatório sobre Democracia na América Latina, destaca-se uma pesquisa de opinião feita entre 18 países latino-americanos sobre o tema. O objetivo central era medir o grau de comprometimento com os princípios democráticos.

O Brasil tem o 15º percentual de população considerada democrata. Apenas 30,6% dos brasileiros se enquadram nessa classificação, contra 71,3% dos uruguaios (os mais democratas do continente) e 43% dos latino-americanos de modo geral. O país fica apenas à frente de Equador, Paraguai e Colômbia em percentual de democratas.

Na classificação dos países segundo o percentual de não-democratas, o Brasil fica em 11º lugar, com 27% de seus habitantes contrários aos princípios democráticos. Os brasileiros estão praticamente na média latino-americana, que é de 26,5% de não-democratas. O país primeiro colocado nesse ranking, com menor percentual de pessoas não-democratas, é a Costa Rica, com 9,5%. O último colocado é o Paraguai, com 62,8% de não-democratas.



A diferença entre uma posição e outra do Brasil se explica pelo alto percentual de pessoas classificadas como ambivalentes em relação à democracia: 42,4% dos brasileiros são enquadrados nessa categoria, o 4º maior percentual entre os 18 países, atrás apenas de El Salvador, Nicarágua e Colômbia. Também nesse aspecto o Brasil se mostra muito acima da média latino-americana, que é de 30,5% de ambivalentes.

Como consequência, o Brasil ficou na 15ª colocação no indicador de maioria democrata, que sintetiza os percentuais de convicção democrática da população. Dos 18 países da América Latina que participaram da pesquisa, o mais bem colocado é o Uruguai, e o último, a Colômbia. Também aí o Brasil ficou abaixo da média do continente.

A proporção de democratas brasileiros é ligeiramente superior à de não-democratas, mas a diferença é tão pequena que está dentro da margem de erro da pesquisa, que é de 3 pontos percentuais, para mais ou para menos no caso do Brasil.

A partição da população em democratas, ambivalentes e não-democratas usou a análise de clusters. Por essa metodologia estatística, pessoas com opiniões semelhantes entre si e diferentes das dos demais são reunidas em um agrupamento (cluster).

As atitudes em relação à democracia foram medidas por uma pesquisa de opinião que ouviu cerca de 19 mil pessoas por 18 países da América Latina. No Brasil, a amostra foi de 1.000 entrevistas e representa apenas a população urbana. A pesquisa foi a campo em 2002.

Os democratas podem ser definidos como aqueles que têm uma atitude permanentemente positiva em relação à democracia em todos os três aspectos estudados: apoio às instituições representativas, apoio à democracia como sistema de governo e apoio a limitações ao poder do presidente.

Os não-democratas, por sua vez, apresentam atitudes contrárias aos preceitos democráticos em todas as três dimensões pesquisadas. São os que mais concordam, por exemplo, com a frase “não importa se um governo é autoritário desde que ele resolva os problemas”.

Já os ambivalentes alternam opiniões a favor de instituições como o Congresso e os partidos e dos princípios da democracia representativa, por um lado, com simpatia por soluções de força centradas no presidente, que é considerado à frente das leis, e habilitado a deixar de lado o Congresso para governar.

Segundo o relatório, as situações ideais para o futuro da democracia se dão quando o percentual de democratas atinge a maioria da população, quando os democratas formam o grupo politicamente mais ativo da sociedade, e quando as opiniões ambivalentes estão mais próximas das dos democratas do que das dos não-democratas.

Combinando essas três condições, os autores do relatório elaboraram uma medida sintética, o Índice de Apoio à Democracia (IAD). Ele expressa a proporção de democratas versus não-democratas, o grau de ativismo político dos três grupos e a distância de posições entre ambivalentes e os demais.



Quanto mais uma população apóia a democracia, maior o valor do IAD de um país, quanto menor esse apoio, mais próximo de zero será o índice. Nesses casos, os regimes democráticos estão mais sujeitos a uma crise do que naqueles em que há um respaldo de cidadania aos valores da democracia.

O Brasil tem um Índice de Apoio à Democracia inferior à média latino-americana, que é de 2,03. Fica em 15º lugar no ranking dos 18 países, com um IAD de 1,12, à frente apenas de Colômbia, Paraguai e Equador. A classificação é liderada por Costa Rica e Uruguai, com índices de 7,32 e 4,31, respectivamente.

A baixa colocação do Brasil no IAD reflete principalmente o equilíbrio dos percentuais de democratas e não-democratas na população. Do lado positivo, pode-se destacar o alto índice de ativismo político dos democratas, o maior entre os 18 países.

O problema é que esse fator acaba não pesando em favor de um melhor desempenho do Brasil no IAD porque a participação política entre os não-democratas, embora um pouco menor, também é a mais alta entre os 18 países, o que acaba neutralizando estatisticamente o ativismo pró-democracia.

Já os ambivalentes brasileiros estão entre os mais próximos aos democratas, comparativamente aos dos demais países latino-americanos. Seu índice de distância em relação aos democratas é de 1,06, contra 0,94 da média da América Latina.